

# Se quer saber, porque não pergunta?

In: "Pensar avaliação, melhorar a aprendizagem"/IIE  
Lisboa: IIE, 1994

*"Não existe nenhum decisor mais ocupado que o professor na sua sala de aula."*

T. TenBrink (1974)

Se quisermos conhecer as atitudes dos alunos acerca de qualquer assunto, os seus interesses individuais, quem admiram, o que pensam da escola, qual a sua opinião acerca de uma unidade didáctica, a melhor forma de o fazer é perguntar-lhes, oralmente ou por escrito, usando questionários e entrevistas. Estes são os instrumentos básicos dos inquéritos. Ambos permitem a recolha de informação que não pode ser facilmente obtida através de outros meios.

Existem, no entanto, diferenças significativas entre os questionários e as entrevistas. Enquanto os primeiros se limitam a fornecer respostas escritas a questões previamente definidas, na entrevista é possível pedir explicações e obter informação adicional acerca das reacções dos respondentes. Neste sentido, a entrevista fornece informação mais pormenorizada e permite conhecer o assunto em causa com maior profundidade do que os questionários.

A escola, como lugar de descoberta e promoção do desenvolvimento pessoal e social do aluno, não pode limitar o objecto de avaliação aos conhecimentos mas tem de dar igualmente relevo ao domínio das capacidades, atitudes e valores. Por isso, se torna importante a utilização de questionários, entrevistas e outro tipo de instrumentos na recolha dessa informação.

## QUE INSTRUMENTO ESCOLHER?

A escolha de uma técnica (teste, observação, inquérito, análise documental) e de um instrumento em particular depende, entre outros aspectos, do **tipo de informação** que pretendemos e do **tempo** de que dispomos para a recolher.

Quanto ao **tipo de informação**, podemos perguntar:

### . Como podemos conhecer as opiniões dos alunos?

Se quisermos saber a opinião dos alunos acerca da forma como decorreu uma unidade didáctica numa língua estrangeira, o que eles pensam de um aspecto particular do programa, (e.g. a aprendizagem dos verbos ou a gramática) ou quais as características do professor que mais apreciam, o instrumento adequado poderá ser o questionário. A informação recolhida ajuda a identificar possíveis focos de interesse e/ou desinteresse possibilitando assim, ao professor, a utilização de estratégias adequadas de ensino e aprendizagem.

### **. Interessamos recolher dados sobre as atitudes?**

Os questionários são frequentemente utilizados para “avaliar” atitudes, embora não seja fácil definir o que é uma atitude. Através dos questionários podemos recolher informação, por exemplo, acerca da atitude dos alunos face ao ambiente, da atitude face à escola, da atitude perante a diferença, etc. Recolher este tipo de informação pode ajudar-nos a obter dados acerca do tipo de comportamentos e atitudes que é desejável promover nos alunos.

### **. Queremos avaliar processos complexos de pensamento?**

Se, em vez de atitudes ou opiniões, queremos perceber qual o raciocínio desenvolvido por um aluno durante a resolução de um problema ou quando imaginava um fim para uma história, é natural que uma entrevista seja mais útil e forneça informação mais pormenorizada que um questionário.

Tendo em conta o número de alunos por turma, o **tempo** é uma variável muito importante a ter em conta na selecção do tipo de instrumento a usar. Por isso, temos de responder primeiro às seguintes questões.

. Queremos recolher informação acerca de todos os alunos? Ao mesmo tempo?

. Só acerca de alguns alunos?

. Quando é a altura certa para recolher os dados? Será no início do ano? No final de cada período? No final do ano?

Os questionários são frequentemente usados no início do ano para obter dados relativos ao “background” social do aluno, nomeadamente à sua situação sócio-económica, ao tipo de habitação, número de irmãos, às condições de estudo, etc. No entanto, já vimos que há uma multiplicidade de situações em que podem ser aplicados, inclusivamente mais do que uma vez ao longo do ano.

Para além das questões referidas anteriormente haverá ainda que ter em conta que o tipo de instrumento, o uso que dele fazemos e a interpretação dos resultados, depende de estarmos interessados em obter informação do seu **desempenho típico**.

As entrevistas e os questionários são instrumentos que visam o desempenho típico, ou seja, o desempenho habitual do aluno. Procura-se obter informações sobre aquilo que o aluno *faz* naturalmente e não sobre aquilo que ele *é capaz* de fazer quando dá o seu melhor. Um teste, ao contrário dos inquéritos, mede o desempenho máximo do aluno.

No entanto, é importante referir que nem o questionário nem a entrevista fornecem, por si sós, uma informação exacta do comportamento típico do aluno que permita fazer juízos acerca dele, pelo que se torna necessário usar os resultados conjugados de vários instrumentos (e.g., inquéritos, registos de observação).

## **A OBTENÇÃO DE INFORMAÇÃO DE QUALIDADE**

Vejamos, então, alguns princípios a ter em conta na preparação, selecção e construção dos questionários e entrevistas.

A grande preocupação a ter em conta na construção de um questionário ou de uma entrevista é procurar reduzir a possibilidade de cometer erros. As decisões que se tomam a partir de informação pouco fiel e válida podem ter implicações graves no

percurso escolar de um aluno. Por isso mesmo, há que tentar assegurar que o que estamos a avaliar é realmente aquilo que pretendemos (validade) e se, aplicado aos mesmos alunos, em momentos diferentes, fornece resultados semelhantes (fidelidade).

Assim, de modo a melhorar a validade e fidelidade da informação que procuramos obter, devemos tentar:

Relacionar todas as actividades de avaliação com o motivo por que estamos a avaliar.

Esta “regra” ajuda-nos a obter informação válida e, para isso, é preciso definir claramente qual a **finalidade específica** da nossa avaliação. Por exemplo, imaginemos que, numa dada turma, os alunos se mostram completamente desinteressados pela matéria. A partir desta impressão que o professor tem da turma vai procurar obter dados que a confirmem. É importante, com certeza, obter essa informação. Neste caso, a finalidade específica da avaliação poderia ser conhecer a opinião dos alunos acerca das razões pelas quais estes se mostram desinteressados. O motivo do desinteresse pode estar relacionado com a relação professor-aluno, a estratégia seguida pelo professor, os conteúdos ou a própria época do ano.

Em cada etapa do processo de recolha de informação devemos ser claros, precisos e consistentes.

Trata-se de assegurar que todos os alunos percebam claramente o que lhes é pedido.

Se um aluno não entender o que queremos que faça ou responda, como poderemos ajuizar acerca do seu interesse, das suas opiniões ou atitudes? Se cada aluno entender um item de forma diferente como poderemos avaliar as suas respostas?

Se aplicarmos um questionário de interesses musicais a uma turma de inglês para planificar determinada unidade didáctica e os itens não forem entendidos por todos os alunos, é provável que a escolha de música clássica, por exemplo, não seja a mais adequada, embora os resultados do questionário assim o indiquem. Quando não há consistência nas respostas não é possível, então, fazer comparações.

Obter sempre uma amostra representativa da informação que procuramos.

Cada vez que recolhemos informação, reunimos apenas uma amostra de conhecimentos, comportamentos, atitudes, valores. Por isso, torna-se necessário seleccionar aquilo que é representativo das ‘características’ (e.g., opiniões, atitudes, valores) que queremos avaliar.

Imagine-se que queremos avaliar a atitude dos alunos em relação a um tema tratado na área-escola. Por exemplo, o respeito pela cultura portuguesa. As questões a seleccionar deverão ser representativas das atitudes acerca das quais pretendemos, de facto, obter informação e que queremos que eles desenvolvam. Poderíamos incluir, por exemplo, itens que contemplassem o respeito pelo património natural (a água, as florestas) e pelo património cultural (a música, a culinária, os monumentos).

Numa outra folha descrevemos com mais pormenor em que consiste o questionário, as etapas da sua concepção, elaboração e aplicação, as vantagens e desvantagens da sua utilização bem como alguns exemplos de itens.

## **SUGESTÕES DE UTILIZAÇÃO DOS QUESTIONÁRIOS**

Perguntar não significa sempre obter aquilo que queremos. Se muitas vezes não conseguimos a informação que procuramos é porque nem sempre deixamos claro qual a finalidade do que estamos a pedir.

Podemos referir três razões que levam a que grande parte da informação retirada dos questionários não seja de grande utilidade:

1. Não é explicado aos alunos a razão pela qual têm de preencher o questionário e, por isso, não se empenham.
2. Os alunos não percebem como preencher o questionário e fazem-no incorrectamente.
3. Os alunos sentem-se intimidados e têm medo de responder honestamente.

Analisemos então cada um destes problemas e tentemos encontrar algumas soluções para ultrapassar as dificuldades.

### **. Mostrar ao aluno a utilidade de responder ao questionário**

Se conseguirmos mostrar ao aluno que a informação que obtivermos será usada em seu benefício (e não o contrário) é natural que este responda cuidadosamente ao que lhe é pedido. A experiência diz-nos que os alunos facilmente colaboram mas têm necessidade de perceber como, em concreto, aquela informação vai ser usada. Por exemplo, se pedimos aos alunos para responderem a um questionário acerca dos seus interesses, é útil dizer-lhes que essa informação será usada para lhes propôr tarefas de que gostem mais.

### **. Ter a certeza que todos entendem as questões**

É conveniente ler as instruções cuidadosamente e fazer algumas perguntas de modo a verificar se os alunos entenderam realmente todas as questões.

### **. Garantir a confidencialidade e o anonimato**

De preferência, o questionário é anónimo a não ser que queiramos informação destinada a apoiar individualmente os alunos. Neste caso, é necessário dar-lhes garantias de que a informação obtida é confidencial e de que, qualquer que seja a resposta, não irá afectar a sua classificação final.

## **SUGESTÃO DE ACTIVIDADE**

Experimente, individualmente ou em grupo, dar exemplos de situações que, na(s) sua(s) disciplina(s), possam ser avaliadas através de questionários.

## **BIBLIOGRAFIA**

- Chase, C. (1978). *Measurement for educational evaluation*. Massachussets: Addison-Wesley Publishing Company.
- De Peretti, A. (1990). *Recueil d'instruments et de processus d'évaluation formative*. Neuchâtel: Institut National de Recherche Pédagogique.
- Ebel, R. e Frisbie, D.(1991). *Essentials of educational measurement*. New Jersey: Prentice Hall.
- Ghiglione, R. e Matalon, B. (1991). *O inquérito*. Lisboa: Ed. Celta.
- Lemos, V. (1990). *O Critério de Sucesso*. Lisboa: Texto Editora.
- TenBrink, T. D. (1974). *Evaluation: a practical guide for teachers*. New York: MacGraw-Hill.

Coordenador do Projecto: Domingos Fernandes

Autores: Cristina Campos, Anabela Neves, Domingos Fernandes, José M. Conceição, Vitor Alaiz